

Salvo melhor opinião, o capítulo V, sobre «La representación anatómica de la mama en la escritura y las artes figurativas», que só tem quatro páginas, intrometendo-se entre o capítulo IV, dedicado ao «Embarazo, nacimiento y prácticas abortivas» (que tem mais de setenta páginas), e o capítulo VI, sobre «La lactancia y su importancia en el antiguo Egipto» (com mais de cem páginas!), deveria ser inserido no capítulo IX, o qual apresenta «La imagen y lo imaginario de la lactancia a través de la iconografía» (com as suas mais de trinta páginas), porque a temática é aparentada e confluyente, evitando-se assim alguma repetição de assuntos já apresentados que aqui parece existir.

O Autor, que é cirurgião na Unidade de Patologia Mamária do Hospital Abente y Lago (Complejo Hospitalario Universitario de la Coruña), oferece, com este volume, um sólido apoio para todos os que se interessam por temas egíptológicos em geral, e por questões relacionadas em particular com a saúde e o bem-estar no antigo Egipto, um país de longa civilização, onde o leite e a amamentação sempre tiveram um relevante papel de timbre religioso, médico, afetivo e sociológico.

Luís Manuel de Araújo

Universidade de Lisboa, Centro de História

INMACULADA VIVAS SAINZ (2013), *Egipto y el Egeo a Comienzos de la XVIII Dinastía: una visión de sus relaciones, antecedentes e influencia iconográfica*. (BAR International Series 2585), Oxford, Archaeopress, 237 pp. ISBN: 978-1-4073-1213-2. (51.00€).

A presente monografia tem a sua origem na tese de Doutoramento da A., defendida em 2004 na Universidade espanhola de Alcalá de Henares e que se debruçou sobre os frescos minóicos descobertos em Tell El Dab'a/Aváris, a capital dos Hicsos durante o Segundo Período Intermediário, localizada no Delta Oriental do Nilo. A investigação centra-se nos intercâmbios culturais entre o Vale do Nilo e o Mundo Egeu. A obra, que se destaca pela escrita simples, clara e sintética (apesar da complexidade do tema em análise e da interdisciplinaridade de que Vivas Sainz se socorre para expor as suas ideias e complementar as informações ao seu dispor, em grande medida sempre dependentes dos resultados de escavações arqueológicas), está estruturada em nove capítulos, com vários subcapítulos. Ao longo do texto, a necessidade de ter presente um *status quaestionis* relaciona sempre os estudos fundamentais sobre cada tema publicados até à data, com as diferentes teorias e hipóteses avançadas. As abundantes referências bibliográficas citadas em cada tema acompanham, em notas de rodapé, o avançar da investigação, que apresenta ainda, no fim de cada capítulo, uma pequena conclusão que revê as ideias expostas e as sistematiza. A inclusão de mapas, ilustrações,

fotografias a cores dos frescos analisados e uma copiosa bibliografia no fim da obra complementa o texto.

A *Introducción* (capítulo I) apresenta os objectivos e questões gerais sobre o tema em análise, com referências à historiografia dedicada às relações do Egipto com o Egeu e a definição do marco geográfico-cronológico que orientam o estudo. O capítulo seguinte (*Las Condiciones de Navegación y Contactos en el Mediterráneo Oriental Durante la Edad del Bronce*) debruça-se sobre as condições de navegação no Mediterrâneo Oriental durante a Idade do Bronze, quando os contactos directos e indirectos eram realizados por via marítima. Esse é um aspecto que condiciona a investigação, uma vez que as fontes são muito díspares, como acontece com o estudo da construção de barcos, técnicas de navegação, modelos de ventos e correntes, época de navegação (fora da Primavera-Verão), rotas e itinerários por todo o Mediterrâneo Oriental. O estudo dos naufrágios datados deste período, que foram sendo descobertos nas últimas décadas, tem sido fundamental para a compreensão do tipo de embarcações utilizadas no transporte de diferentes produtos e para o estabelecimento das rotas utilizadas, uma vez que o comércio de longa distância exigia barcos adequados, tripulações experientes, indústria naval e portos seguros. A questão da existência, ou não, de uma talassocracia cretense não foi esquecida e a A. inclina-se para uma tese em torno da existência de regiões em competição pela hegemonia marítima, em vez da ideia de uma potência comercial hegemónica. O III capítulo (*Contexto histórico-político*) volta a definir o período e o contexto histórico-político em análise, destacando os inícios da XVIII dinastia, no reinado de Amósis, e os reinados de Hatshepsut e Tutmósis III, momentos em que os frescos de Aváris, tal como os túmulos da nobreza tebana (onde encontramos representados os *Keftiu*, tradicionalmente identificados como emissários minóicos), atestam as relações entre o Egipto e o Egeu. Por seu lado, o capítulo IV (*Tipos de fuentes para el estudio de las relaciones entre Egipto y el Egeo*) concentra-se na análise de três grandes grupos de fontes e materiais que atestam as relações entre as duas regiões. Trata-se de fontes arqueológicas (objectos e matérias-primas originárias do Egipto, encontradas no Egeu e vice-versa), fontes iconográficas e fontes textuais egípcias que se referem aos povos do Egeu. Não sendo intenção de Vivas Sainz compilar um catálogo de todos os objectos egípcios/egípcianizantes descobertos no Egeu, e minóicos, no Egipto, ela expõe, no V capítulo, que se divide em A (*Fuentes y hallazgos relativos a las relaciones Egipto-Egeo: hallazgos en Egipto*, dedicado às fontes e achados egípcios) e B (*Fuentes y hallazgos relativos a las relaciones Egipto-Egeo: hallazgos en Egeo*), as questões referentes ao universo minóico e a achados arqueológicos fundamentais para a compreensão do tipo de contactos estabelecidos e sua intensidade.

No universo egípcio (A), a maioria dos objectos encontrados é de cerâmica (surgindo agrupados pela distribuição geográfica e de acordo com os

diferentes períodos cronológicos), uma vez que os metais, que podiam ser reutilizados e, por isso, são mais raros no registo arqueológico, aparecem apenas em contexto funerário ou em templos. O *Tesouro de Tod* é um bom exemplo disso. Encontrado nas fundações de um templo, era composto por quatro cofres cheios de lápis-lazúli, ouro e prata. Também vestígios de têxteis e, em especial, restos de lã de várias cores, têm sido encontrados em território egípcio, e os teares usados na área do Egeu que permitiam a criação de têxteis de grande dimensão e com desenhos elaborados, assim como a cor púrpura utilizada, podem ajudar a explicar a procura que tinham à escala internacional. Ao nível da iconografia assinalam-se elementos como as espirais, que podem ter origem no Egeu, ou as representações de populações desta região, encontradas nos túmulos da nobreza tebana durante o Império Novo, com os seus penteados e vestuário característicos. Os testemunhos escritos também não ficaram esquecidos e tiveram atribuído um subcapítulo que agrupa os termos utilizados para designar os povos da outra margem, como *Keftiu*, *ilhas do meio do mar* ou *ilhas no meio do grande mar*, *Menus/Minos*, *Hau-Nebut* ou *Tinay/Tanaya*, e que parecem indicar que, para os Egípcios, o Egeu não era um local tão distante e desconhecido como poderíamos pensar, desvendando o interesse egípcio pela região.

Na área do Egeu (B), ao nível arqueológico, os achados de cerâmica egípcia são escassos (alguns fragmentos foram encontrados em Komos), o que pode ser um indício de que seria pouco apreciada, apesar do interesse minóico pela faiança e alabastro, matérias-primas que importavam do Vale do Nilo. Objectos de vidro estão também atestados em Creta, nas restantes ilhas e na Grécia Continental, tal como os ovos de avestruz. No plano iconográfico, os objectos egípcios estão quase ausentes dos santuários, apesar de algumas crenças e divindades nilóticas terem sido assimiladas pelos minóicos, como comprovam os amuletos e selos com representações de divindades e motivos egípcios (escaravelhos, gatos, crocodilos, abelhas, escorpiões, macacos, sistros ou esfinges) e a adopção da deusa egípcia Tuéris, que se converteu num génio do panteão minóico, devido à enorme difusão que o seu culto conheceu. Também elementos como a procissão, cenas e rituais festivos são assimilados no Egeu, onde são usadas as convenções artísticas do Egipto, hipótese que parece ser confirmada com a descoberta do *kouros* de Palaicastro, em Creta, uma figura esculpida em marfim e que pode ter sido uma adaptação do cânone egípcio à arte do Egeu. Se no Vale do Nilo a figura humana era dividida em dezoito partes, o modelo minóico era maior, dividindo-a em vinte e uma partes.

Por sua vez, os testemunhos escritos, apesar de escassos, são organizados em dois grupos: objectos com escrita hieroglífica encontrados no Egeu, como foi o caso da estátua de *User*, e os textos escritos nas línguas locais, contendo termos que se referem ao Egipto e aos Egípcios como *Aiku-pitijo* e *Misarajo*. O capítulo VI (*Las Pinturas de Tell El Dab'a/Avaris*) enceta

finalmente o estudo dos frescos de Tell El Dab'a/Aváris, novamente com o contexto arqueológico do local que, desde a sua origem, se revestiu de grande importância devido à estratégica localização geográfica, quer ao nível militar quer para o comércio, com a A. a apresentar a história de Aváris, da descoberta das pinturas e das estruturas arquitectónicas dos palácios de Tutmósis. Há que não esquecer que, após a expulsão dos Hicsos, a cidade manteve a sua importância. Vivas Sainz dá especial relevo às questões técnicas que rodeiam as pinturas, à sua adaptação aos materiais e à temperatura ambiente do país, aos pigmentos, às convenções artísticas empregadas, às técnicas usadas durante a Idade do Bronze, como o *buon fresco*, ou *fresco secco*, utilizados neste conjunto que, de acordo com os estudos preliminares, cada vez mais se revelam fundamentais para determinar a origem dos artistas que as criaram e para a sua interpretação. Descobertos em 1991, os frescos de Aváris, que se destacam pelo estilo, temas, técnicas de estilo minóico, qualidade técnica e originalidade, promoveram uma reavaliação dos contactos entre as duas regiões do Mediterrâneo e das fontes disponíveis. Eles ilustram cenas de caça com grifos, grandes felinos e cães. Mas foram as taurocatapsias ou salto sobre o touro que colocaram Aváris no mapa da pintura minóica. Quer os touros quer os acrobatas (assim como os penteados, vestuário e calçado) que os acompanham estão representados à maneira minóica, apesar de as poses de ambos serem invulgares.

Por fim, os três últimos capítulos, *Conclusiones*, *Anexo: Ilustraciones*, *Indice de Figuras y de Ilustraciones* e *Bibliografía* encerram a apresentação da pesquisa. Se, por um lado, aplaudimos a publicação da obra na língua original, o castelhano, a tradução para o inglês deveria ser ponderada, de modo a disponibilizar a um público ainda mais abrangente esta bem conseguida síntese de um tema complexo, sempre em constante actualização.

Nídia Catorze Santos

Universidade de Lisboa, Centro de História

JOSÉ DAS CANDEIAS SALES (2015), *Política(s) e Cultura(s) no Antigo Egipto*. Lisboa, Chiado Editora, pp. 457. ISBN 978-989-51-3835-7 (17€).

A obra que aqui é objecto de recensão, *Política(s) e Cultura(s) no Antigo Egipto*, da autoria de José das Candeias Sales, faz parte da colecção *Compendium*, da Chiado Editora. As várias partes que compõem este estudo foram, na sua maioria, já previamente publicadas em outras revistas, designadamente a *Cadmo* e os *Estudos Orientais*, ou apresentadas em conferências nacionais e internacionais. No início de cada capítulo, o autor faz questão de referir o local onde foi publicado, bem como as alterações que foram